
**O DISCURSO INFOGRÁFICO E A PRODUÇÃO DE UMA
POSIÇÃO-SUJEITO LEITOR DE INFORMAÇÃO INFOGRAFADA**
**THE INFOGRAPH DISCOURSE AND THE PRODUCTION OF
READING SUBJECT OF INFOGRAPH INFORMATION**

Silvia Regina Nunes¹

Resumo: Neste artigo, problematizamos práticas de leitura contemporâneas. Através da análise de um infográfico eletrônico, com foco no trajeto de leitura permitido pela relação clique-link, mostramos a produção de uma posição-sujeito da informação infografada. Discutimos a maneira como as práticas de leitura contemporâneas estão afetadas por um movimento de esquematização, o qual produz efeitos de velocidade para o gesto de leitura, mas também efeitos de produto para a informação. Compreendemos que a posição-sujeito de informação infografada é produzida na injunção ao controle do dizer e à transparência do sentido, porfazendo um efeito pragmático para o gesto de ler.

Palavras-chave: discurso, sujeito, infográfico, leitura, esquematização.

Abstract: In this article, we criticize contemporaneous reading practices. Through the analysis of an infograph electronic focusing on reading way allowed by the relation-click link, show the production of reading subject of infograph information. We discuss how contemporary reading practices are affected by a schematization movement, which produces effects of speed for the practice of reading, but also for the purposes of product information. We understand that the reading subject of infograph information is produced in order to control the mean and transparency of language, making a pragmatic effect for the practice of reading.

Keywords: discourse, subject, infograph, reading, schematization.

Introdução

Constituímos, em nossa prática de pesquisa, o que designamos como *movimento de esquematização*ⁱ - um funcionamento de leitura que estrutura o discurso infográfico. Desde então, colocou-se como produtiva a compreensão das especificidades das práticas de leitura instauradas por este material. Nesta direção, compreendemos que tais práticas de leitura estão afetadas por pré-construídos que sustentam discursos sobre a necessidade da

¹ Doutora em Linguística/Análise de Discurso pela UNICAMP. Professora do Curso de Letras da UNEMAT, *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda.

leitura ser “competente-literal-verdadeira”. Vimos ser produzida, então, uma *posição-sujeito leitor de informação infografada*, que se sustenta no modo com o discurso infográfico é textualizado, isto é, marcado por formulações verbais, tabelas, gráficos estatísticos e ordenação numérica.

O processo de constituição da posição-sujeito leitor de informações infografadas relaciona-se com a emergência de diferentes modos de escrita/leitura que estão sendo produzidas na contemporaneidade e que afetam a relação deste sujeito com estas práticas. Não se lê e nem se escreve mais como se lia e se escrevia em outros momentos. Neste sentido, é importante dar visibilidade e historicizar as formas simbólicas de escrita e leitura na *sociedade da informação*, já que este funcionamento mobiliza maneiras outras do sujeito se relacionar com a língua e com a escrita, diferentes formas de produção de sentidos. Nosso objetivo é mostrar, através da análise da textualidade infográfica, como os modos de leitura contemporâneos instauram práticas específicas, sendo possível, nestas especificidades, visualizar a constituição da posição-sujeito leitor de informação infografada.

O sujeito e as práticas de leitura no infográfico: análises e questões

Dias (2004) afirma que há uma “mudança importante na noção de língua e escritura, consequência do uso do computador e das redes de relacionamento construídas pela internet”. Segundo a autora, no “espaço fluido da internet as categorias identitárias produzem outros sentidos, que estão traçados na escrita, no modo de grafar”. Grafia (verbal), imagem (visual), sujeito, língua estão constitutivamente ligados e significando neste processo. Para a autora, esta ordem discursiva no ciberespaço traz implicações e consequências para a compreensão do funcionamento da

língua, pois esta se desloca de seu eixo de funcionamento sistemático e abstrato, calcado na representação, e passa a formular-se como *corpografia*ⁱⁱ. As práticas de leitura no ciberespaço também são afetadas por formulações diferentes que produzem posições-sujeitos diferentes.

Tomar o infográfico como observatório do funcionamento da linguagem e do sujeito e analisar a circulação dos sentidos produzidos nesse processo implica em considerar desde já sua forma material, pois como observa Orlandi (2005):

Nada é indiferente na instância do significante. [...] Os diferentes materiais e as diferentes superfícies determinam diferentes relações com/de sentidos. Escrito, ou oral, letra ou sinal, superfície plana ou multidimensional, parede, papel, faixa, letreiro, painel, corpo. Textura, tamanho. Cor, densidade, extensão, tudo significa nas formas de textualização, nas diversas maneiras de formular. Jogo da formulação, aventuras dos trajetos que configuram sua circulação. Acaso e necessidade. (ORLANDI, 2005, p. 205).

Para compreender como se constituem tais posições-sujeito partimos de Orlandi (2001), especialmente através da exemplificação produzida sobre a forma-sujeito histórica. Esta, segundo a autora, depende da conjuntura da época, sendo diferente, por exemplo, na Idade Média e na contemporaneidade. Isto mostra que a relação do sujeito com a exterioridade não é direta, pois passa pelas formações imaginárias que se constituem a partir das condições de produção do dizer.

A submissão à língua, na história, é que torna o indivíduo sujeito, pois quando nascemos não inventamos uma língua, mas entramos no processo discursivo que já funciona na sociedade. É deste modo que nos submetemos à língua subjetivando-nos (ORLANDI, 2001). A autora afirma que pensar a subjetividade, discursivamente, permite que esta nos mostre

como a língua acontece no homem, pois a subjetividade se estrutura no acontecimento do discurso. Acontecimento significante que permite compreender a interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia (PÊCHEUX, 1997). Para Orlandi (1999, p. 11), este processo acarreta “dois deslocamentos paralelos: o de sentido e o da própria língua, posta esta em relação com a história”.

O sujeito, desta maneira, funciona como posição entre outras, isto é, se projeta de uma situação social (empírica) para uma posição-sujeito (discursiva), o que produz diferenças para a compreensão do sentido e da própria linguagem. A natureza da subjetivação, segundo Orlandi (1999), não permite que se quantifique o sujeito. Este não é mais nem menos assujeitado. Compreender a natureza da subjetividade coloca em questão a relação constitutiva do sujeito com o simbólico, pois “não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante” (ORLANDI, 1999, p. 11).

Haroche (1992, p. 179) retomando a discussão de Althusser sobre a constituição da forma-sujeito, coloca a possibilidade da constituição de diferentes formas-sujeito, e, para isso, remete, em nota de rodapé, à M. Miaille (1976) que, ao discutir a relação entre o sujeito-de-direito e a noção de indivíduo, nos demonstra exemplos ancorados no escravagismo e no feudalismo para retrair a história deste sujeito-de-direito nos diferentes modos de produção. O autor (citado por Haroche, 1992) coloca que no escravagismo o escravo não seria um sujeito-de-direito, mas faz parte de um conjunto de bens sob a autoridade do mestre; no feudalismo as relações são explicadas pela existência de um laço de dependência pessoal entre o servo e o senhor, e não pelas relações econômicas. Declarar que os homens são sujeitos-de-direito livres e iguais não constitui um progresso em si, mas sim

uma indicação de que o modo de produção da vida social mudou. Diz o autor que “não é ‘natural’ que todos os homens sejam sujeitos-de-direito. Isto é o efeito de uma estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista”.

Buscando compreender a especificidade desta posição-sujeito leitor da informação na textualidade infográfica eletrônica reiteramos a relação entre o clique e o *link*ⁱⁱⁱ, visto que para a leitura dos infográficos eletrônicos é determinante que haja um gesto^{iv} que os coloque em funcionamento, ou seja, há uma injunção [do sujeito] a se clicar em *links*.

Sobre esta injunção^v clique-*link*, compreendemos que este gesto se efetua no sentido de obrigatoriedade e pressão das circunstâncias. Mais especificamente, em relação ao *link*, seria afirmar que, estruturalmente, pelas condições de produção do discurso eletrônico (ORLANDI, 2010), o sujeito clica-toca-tecla em *links*.

Desta maneira, parto do princípio de que o gesto de clicar-tocar-teclar é estruturante da relação do sujeito com a máquina sendo que este gesto inscreve simbolicamente o sujeito nesta relação. Propriedade que funda uma evidência: quando se está navegando, lendo em tela, falando com alguém no *Facebook* há injunção ao clicar! O gesto de clicar tem funcionado sob o efeito de evidência em relação às práticas de leitura da sociedade contemporânea em sua vida digital (NEGROPONTE, 2006). Clica-se com a finalidade de ler o que está no im-previsto do *link*.

A compreensão desta injunção ao clicar pode ser compreendida ao observarmos o quanto pode ser significativo o gesto de deletar algo que lemos e que não concordamos ou quando adicionamos ou mesmo excluímos alguém de algum *site* de relacionamento^{vi}. Nestas condições podemos afirmar que a injunção a clicar em *links* se produz como forma material

(ORLANDI, 1990), aquela que não é só linguística (um funcionamento formal, abstrato), nem somente empírica (com seu conteúdo-produto), mas é, sobretudo, forma junto com conteúdo, processo histórico de significação em que o sujeito, a história e a linguagem, estão materialmente pensados e implicados. O sujeito se significa nesta injunção e esta injunção é possível pelas condições de produção do discurso eletrônico.

Na análise do infográfico *Insônia* (Veja.com) ^{vii} mostramos o funcionamento desta posição-sujeito leitor de informação infografada capturada pelo efeito de apropriação da quantidade de informações. Partimos da relação entre o enunciado verbal que está em destaque: *O problema atrapalha o sono – e a vida – de uma parcela considerável de brasileiros. Entenda suas razões, prejuízos à saúde e também as maneiras de tratar o mal*, e as formas significantes visuais que estão em composição neste material.

A palavra insônia, grafada em caixa alta (INSÔNIA), indica a possibilidade do trajeto de leitura e põe em destaque o tema do infográfico que seria descrever as características da insônia.

O enunciado formulado na sequência da palavra insônia direciona os sentidos sobre o assunto colocando que ela é “um problema que atrapalha o sono e a vida de grande parte das pessoas” e que a finalidade das informações do infográfico é para que se entendam as razões que levam à insônia, como ela afeta a saúde das pessoas e os tratamentos disponíveis para a cura deste *mal*. Contudo, à medida que percorremos as informações disponibilizadas no infográfico, observamos que as causas que levam à insônia aparecem apenas mencionadas e não problematizadas. Desta maneira, a insônia fica significada como uma doença e não como consequência de causas específicas advindas de questões psicológicas

(depressão, ansiedade), físicas (apneia) ou sociais (problemas financeiros, sentimentais, etc.).

Na sequência desta introdução, a expressão LEIA MAIS (em caixa alta) aparece na forma de *link* fazendo a ligação com uma série de outras informações sobre o mesmo assunto. Uma foto grande disposta no lado esquerdo do infográfico apresenta a imagem de uma mulher numa posição desconfortável, num lugar em que, comumente, é significado como um dos mais confortáveis: a cama. A disposição das mãos segurando firmemente o travesseiro, as pernas encolhidas, a cabeça tentando se afundar no travesseiro, entre outros detalhes, são imagens que põem em circulação sentidos de que há um corpo que está tenso e em desconforto numa cama com fronhas e lençóis brancos e macios, que seriam próprios ao descanso e na qual o corpo deveria estar em posição confortável.

A textualidade do infográfico Insônia produz efeitos de leitura em *zig zag* e em funil, pois há uma organização dos elementos significantes na tela que demandam uma leitura em ir e vir, um deslocamento do olhar. Num primeiro momento a palavra INSÔNIA grafada em letra maiúscula captura o olhar, logo abaixo há a imagem da mulher na cama, então o olhar é deslocado para cima novamente para a leitura do enunciado que introduz o tema e em seguida o deslocamento do olhar vai para o lado direito em que vídeos e *links* estão organizados para dar acesso a outras páginas com mais informações.

A textualidade infográfica reitera o movimento de esquematização, visto que há produção de efeitos de relevância na forma como o deslocamento do olhar é demandado primeiro para a parte superior do infográfico, em seguida para o meio, novamente para a superior e em

seguida lateral. O efeito de relevância e também o de ordenação se produzem simultaneamente no funcionamento do clique-*link*, pois ao mesmo tempo em que formulações são disponibilizadas na primeira página do infográfico, as demais só ficam acess(á)íveis pela relação clique-*link*. A produção de efeitos de leitura em *zig zag* e funil está condicionada pelo movimento de esquematização, que possibilita a leitura da parte e do todo ao mesmo tempo, bem como produz um estado de leitura potencial (uma vez que o leitor também pode parar a leitura por ai...), que é a de se ler o que está no im-previsto do *link*.

Na relação entre a formulação verbal e a visual no infográfico sobre a insônia, compreendemos também como cada uma trabalha a incompletude na outra (LAGAZZI, 2009). A formulação verbal: *INSÔNIA O problema atrapalha o sono – e a vida – de uma parcela considerável de brasileiros. Entenda suas razões, prejuízos à saúde e também as maneiras de tratar o mal*, produz efeitos de sentidos negativos na relação com a formulação visual sobre a imagem da mulher em posição desconfortável, descrita anteriormente. Por meio de palavras como *problema, mal, atrapalha e prejuízos* há um deslize de sentidos para a formulação visual (imagem digitalizada) e vice-versa. Estas palavras reiteram - em relação à imagem de desconforto do corpo da mulher na cama - efeitos de sentidos negativos para insônia, em que a formulação visual significa-se na repetição das palavras: *problema, mal, atrapalha e prejuízos*, as quais significam pelo pré-construído negativo (doença, mal). Neste processo, observamos a incompletude da língua e a da imagem, pois nenhuma consegue atribuir uma totalidade de sentidos para **insônia**. Além disso, compreendemos o movimento de esquematização que produz efeito de relevância neste modo

de leitura em vice-versa, ou seja, o que é relevante fica constantemente reiterado e especificado.

O pré-construído negativo para a insônia instaura o trajeto dos sentidos neste material, administra esta prática de leitura. Conforme já observamos em outros trabalhos, o discurso jornalístico, espaço em que o infográfico é formulado, é determinado pela injunção à referencialidade, questão que afeta a formulação deste material, pois o imaginário de natureza referencial produzido pela formulação visual é determinado pelo efeito ideológico de que a realidade (o mundo) seja transparente, podendo ser representada “fielmente” para isso bastando mostrá-la (numa imagem (foto, desenho...), num vídeo, etc.). *Efeito ideológico elementar*, como diriam Althusser e Pêcheux (1997), constituído por uma injunção pragmática à linguagem que coloca em relação direta a palavra e a coisa, e também a possibilidade de controle dos sentidos pelo sujeito.

O discurso jornalístico tem discursivizado o mundo pelo visual, esta discursivização é afetada por efeitos ideológicos do que deveria, ou não, ser este mundo. O mundo dos insones, na textualidade infográfica, fica significado negativamente, uma vez que o movimento de esquematização simula-sintetiza (efeito de síntese) este mundo de maneira a produzir uma estabilidade de sentidos ancorada nos pré-construídos negativos que sempre-já sustentam o discurso sobre a insônia. A própria constituição da palavra “in-sônia” nos indica essa forma de significar pelo negativo, ou seja, pelo “in” de insônia o pré-construído de que o sono é bom e vital fica negado já na estrutura da palavra, tal como em analfabeto (SILVA, 1996) que é significado pela falta.

Outros seis *links* continuam direcionando o trajeto de leitura no infográfico. É importante observar que esses *links* são já, e ao mesmo tempo^{viii}, informações sobre o tema da reportagem: *origem dos problemas, riscos à saúde dos insones, os tratamentos indicados, recomendações para amenizar o mal, arquivo Veja - reportagens da revista, Vídeos – entrevista com o Dr Sergio Tufik*. Há, também, várias sugestões para o compartilhamento das informações na rede através de sites como *twitter, Del.icio.us*, etc.

Um pouco abaixo, outros dois *links* direcionam a dois vídeos que são divididos em duas partes: *Parte 1 – O drama dos insones* e *Parte 2 – Combate à Insônia*. O primeiro deles já aparece pronto para ser exibido bastando clicar na figura que indica *play* para o início. A quantidade de *links* e de informações nesta formulação aponta para questões interessantes que discutiremos a seguir.

Analisando o funcionamento da televisão em relação à memória, Orlandi (2005) afirma que o funcionamento da TV nos coloca numa situação paradoxal, pois num mesmo processo ela historiciza seu instrumento, e também produz o efeito de “des-historicização” no espectador, subtraindo-o de sua temporalidade, de seu acontecimento pessoal, na história. Nesta direção, a autora sustenta que o olho do espectador é o olhar do instrumento e que este efeito de des-historicização estaria “ligado a uma propriedade do instrumento Tevê que deriva da relação entre o mesmo e o diferente” (p. 179). Desta forma, mesmo sendo múltipla em seus *meios* a televisão produz uma homogeneização de seus fins, sendo um instrumento marcado pela produtividade e não pela criatividade.

A quantidade, o acúmulo, a produtividade de que nos fala a autora é o que sustenta o funcionamento da memória metálica, que é constituída

numa rede horizontal que só repete, pois não há cruzamento entre o eixo da constituição dos sentidos, o interdiscurso, e o eixo da formulação, o intradiscurso. Não há mudança, só repetição do mesmo. Orlandi (p. 181) reitera que a Tevê trabalha para que a memória não trabalhe, “para que já esteja sempre já lá um “conteúdo” bloqueando o percurso dos sentidos, seu movimento, sua historicidade, seus deslocamentos”. E é desta maneira que a Tevê produz em nós a ilusão de que somos os donos dos sentidos, diríamos, uma posição-sujeito leitor de informação sustentada no efeito de evidência da quantidade.

A estruturação do infográfico apresenta uma estreita relação com o que nos apresenta Orlandi (2005) sobre as propriedades da Tevê. Parecido também é o efeito paradoxal constituído na relação entre a homogeneização do dizer e os *meios* que possibilitam estes dizeres. Para Orlandi (2005), apesar dos efeitos de quantidade, do efeito de conteúdo, da repetição que não historiciza, a Tevê metaforiza a relação do homem com a linguagem, pois esta específica maneira do homem se significar por esta linguagem que apaga a memória histórica substituindo-a pela metálica atesta a historicização da relação do homem com os *meios* a disposição para se significar, em condições de produção específicas. Neste processo, continua Orlandi (p. 183), a autoria deveria ser pensada na relação com o modo de funcionamento da memória metálica, pela multiplicidade da repetição e da quantidade. A textualização neste processo é fundamental, pois os percursos dos sentidos “vão significando na forma mesma em que irrompem os discursos”, na forma de múltiplas versões.

Conforme afirmamos em outros textos, a textualidade infográfica, seja impressa ou eletrônica, se ancora também na produtividade e neste processo efeitos de completude e de saturação também são produzidos. O

movimento de esquematização sustenta a produção destes efeitos no modo como organiza espacialmente os elementos significantes no infográfico, visto que o espaço de textualização do infográfico aparece sempre como repleto, cheio. Simultaneamente são produzidos efeitos de que não seria necessária mais nenhuma informação. Visualmente não há espaços em branco na textualidade infográfica. Há um preenchimento espacial que produz efeito de saturação.

Retomando a análise do infográfico *Insônia*, podemos dizer que a produtividade, a quantidade e o acúmulo produzem um efeito de estabilidade dos sentidos, uma ilusão referencial da informação, efeito de conteúdo. O movimento de esquematização garante este funcionamento na maneira como torna visível a circularidade entre a formulação verbal e a visual. Assim, haveria quantidade de informações já dadas, “dados” que atualizariam evidências sobre a **insônia** e que são materializados em cada clicar (conforme os *links* e vídeos disponibilizados para este fim). O gesto de clicar (formular, selecionar, compor) um percurso, neste infográfico, é um gesto que instaura efeitos de quantidade, pelo acúmulo de informação, contudo são formulações diferentes que apontam sempre para o mesmo assunto.

A relação entre o clique e o *link*, conforme já referimos, funciona determinada pelo movimento de esquematização. Isto porque as formulações verbais e visuais que já estão disponibilizadas na página principal do infográfico colocam em estado de leitura outras informações que ficariam acess(á)veis pelo funcionamento do clique-*link*. O modo como se produzem efeitos de sentidos negativos e opositivos (doença/saúde) para insônia, desta forma, fica condicionado pelo movimento de esquematização, que organiza uma ordem própria para o que deve ou não ser lido e neste

processo produz efeitos de relevância e ordenamento para os sentidos. Assim, os efeitos negativos e opositivos fazem sentido porque sempre-já estão condicionados por elementos pré-construídos. O que o movimento de esquematização produz é um modo específico de visibilidade destes sentidos.

Estes efeitos negativos e opositivos produzem uma demanda imaginária para a sociedade que “precisaria” destas informações pontuais para evitar estes problemas. Circula como pré-construído, neste infográfico, a concepção de que simplesmente a ação de dormir “bem” (oito horas diárias) já seja sinônimo de saúde, enquanto que ter insônia é sinônimo de doença, conforme a formulação que se repete: *INSÔNIA O problema atrapalha o sono.*

Contudo, apesar da quantidade de informações disponíveis, a textualidade infográfica que coloca a **insônia** atravessada por efeitos negativos e opositivos aponta também para outros sentidos que ficaram suspensos, tais como as causas que levam à insônia (determinantes para que a doença exista), que poderiam ser as mais diversas: físicas, psicológicas ou sociais; como também a necessidade de sono para as pessoas, que não necessariamente é igual para todos e pode variar muito em função do biorritmo e idade de cada um. O que fica significado na textualidade do infográfico sobre insônia é que no arquivo disponibilizado (a ser acessado ou não pela relação clique-*link*) sempre ficam questões que ninguém consegue explicar e que mesmo assim são formuladas na promessa de se entender.

O efeito de quantidade e a injunção ao conteúdo ficam determinados pelo movimento de esquematização em sua propriedade

estrutural de selecionar, ordenar e sintetizar as informações. A produtividade, desta maneira, garante a estabilidade dos sentidos e alimenta a ilusão de onipotência do sujeito.

Considerações finais

A incorporação de elementos significantes tais como o som, o vídeo, o clique-*link* na textualidade infográfica eletrônica, por exemplo, produz modos específicos de significação, contudo tal incorporação poderá ou não produzir diferentes formas de interpretação, visto que o que determina a produção de sentidos, em última instância, não é somente a formulação, pois segundo Orlandi (2005) os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam. Movimento que se relaciona estreitamente com as condições histórico-sociais de produção do discurso, neste caso específico, do discurso da informação.

A infografia funciona sob o efeito de completude, pois ao mesmo tempo em que produz um determinado modo de fazer circular as informações, sua formulação peculiar já dá ao leitor um modo específico de lê-las e um direcionamento à sua compreensão. A sustentação do discurso infográfico nos pré-construídos do discurso jornalístico produz uma concepção de língua transparente e instrumental, que resultaria numa pretensa logicidade dos sentidos. Nesta injunção à literalidade e transparência da língua, a posição-sujeito de informação infografada fica determinada pelos esquecimentos que a constituem, ou seja, o da *origem dos sentidos* e o da *literalidade da linguagem*.

Produtiva ainda na Análise de Discurso de tradição francesa, a noção de esquecimento ancora esta reflexão. Pêcheux (1997) afirma que

este processo se dá de duas formas: pelo esquecimento número **um**, que é ideológico, e o esquecimento número **dois**, que é da ordem da enunciação (formulação). Assim, o esquecimento número **um** seria da ordem do inconsciente e resultaria no modo pelo qual se é afetado pela ideologia. A ilusão de ser origem das palavras conforma o funcionamento deste esquecimento, bem como também reflete o sonho adâmico, isto é, o do sujeito inaugural, que é o de estar dizendo, pela primeira vez, todas e quaisquer palavras fazendo-as significar por seu controle e conforme sua vontade.

O esquecimento número **dois** é da ordem da enunciação (da formulação) e produz a impressão da realidade do pensamento, ou seja, tudo o que se diz só poderia ter um sentido x, que seria literal. Essa *ilusão referencial*, conforme pondera Orlandi (2001), funciona por um efeito ideológico que instaura uma relação direta entre a linguagem, o pensamento e o mundo, estabelecendo a relação natural entre a palavra e a coisa. O esquecimento número **dois** é parcial, isto é, reformulável, pois é possível voltar ao modo como se diz para reformular como foi dito. Neste movimento, observa-se o funcionamento da língua em seu jogo sintático, pois, segundo Orlandi (2001, p. 35), “o modo de dizer não é indiferente aos sentidos”.

O fato de significar-se pelos esquecimentos não atesta um funcionamento negativo dos sentidos, mas estruturante do sujeito. Estes esquecimentos não são voluntários, da ordem do psicológico, mas constitutivos do movimento dos sentidos e dos sujeitos. Orlandi (2001) salienta que esses esquecimentos não são defeitos, mas uma necessidade para que a linguagem funcione, e por serem estruturantes não há acesso deliberado a eles, mas flagrantes de seu funcionamento.

Compreendemos que o modo de funcionamento do esquecimento número **dois** relaciona-se à formulação infográfica. Orlandi (2005) coloca que formular é “dar corpo aos sentidos”. Para a autora, na formulação, pelo equívoco (falha da língua na história), corpo e sentido se atravessam. Desta forma, como o homem é um ser simbólico, “este tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos [e este] corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2001, p. 09-10).

A textualidade infográfica, assim, materializa o modo como o sujeito da enunciação identifica-se com o sujeito universal, ou seja, atesta o modo de funcionamento da primeira modalidade do assujeitamento, conforme sustenta Pêcheux (1997).

Considerando que a posição de jornalista é fortemente afetada pelo discurso da informação, projetando um efeito-leitor consumidor de informações, a textualidade infográfica também é determinada por um imaginário de necessidade de consumo de maior quantidade de informações, as quais serviriam para organizar a vida e resolver os problemas da sociedade. Este movimento produz, portanto, uma posição-sujeito que se mostra pela identificação com os efeitos de sentido sustentados pela formação discursiva que reitera o aumento de quantidade de informações em circulação.

A constituição deste efeito-leitor de quantidade (de informação) sustenta-se no pré-construído de que *quanto mais informação, melhor*. Desta maneira, a naturalização dos sentidos do sintagma *sociedade da informação* adquire eficácia em relação à produção deste leitor e vice-versa. No entanto, conforme já salientamos em outros trabalhos, no movimento dos sentidos que produzem estes efeitos de evidência para a informação,

como se esta fosse um produto, o que se produz são efeitos de conteúdo e não propriamente informações.

Refletir sobre a ideologia da informação e a produção da posição-sujeito leitor de informação infografada, nestes termos, é atribuir ao modo como a mídia produz este efeito de evidência da necessidade de informar-se, a emergência desta ideologia do sujeito-de-direito idêntico e autônomo, que teria o direito de informar-se para, imaginariamente, saber controlar seu conhecimento e sua vida!

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv**. Tese de doutorado. Campinas/SP: Unicamp, 2004.

HAROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. In: INDURSKY, F. et al. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos - SP: Claraluz, 2009.

MORELLO, R. Definir e Linkar em que sentido? In ORLANDI, E. (org.) **Para uma Enciclopédia Discursiva da Cidade**, Campinas/SP, CNPq/Labeurb/Pontes, 2003, pp. 121-133.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



NUNES, S. R. A geometrização do dizer no discurso do infográfico In: GUIMARÃES, E. J. e MARTINS e SILVA, V. R. **Percursos de Sentidos na Linguística**. 1 ed. Campinas - SP: Pontes, 2012, v.1, p. 66-80

_____. Práticas de leitura no infográfico eletrônico: trajetos, tropeços e movimentos. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1990.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas – SP: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas - SP: Pontes, 2005.

_____. À contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **Revista RUA [online]**. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109.

PAMPLONA, I. Insônia. In **Revista Veja.com**. Disponível em http://veja.abril.com.br/especiais_online/insonia/index.shtml - Acesso em 21.out.2013.

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.

Trad. de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1997.

SILVA, M. V. da. **Nas margens de um tema.** Disponível em http://www.ucb.br/sites/100/165/ArtigoseComunicacoes/25Nasmargensdeu_mtema.pdf. Acesso em 23.out.2013.

ⁱ O movimento de esquematização se constitui a partir da imbricação simultânea de a) formulações verbais, b) tabelas e gráficos estatísticos, setas, pontilhados e c) ordenação numérica e alfabética, que produzem, simultaneamente, efeitos de relevância: ao selecionar temas e formas de dizer sobre esse tema, inevitavelmente são deixados outros de fora, constituindo-se relevância ao que foi selecionado e posto em estado de leitura; efeitos de síntese, conforme formulação visual materializada em gráficos estatísticos e imagens e efeitos de ordenação, conforme organização numérica e alfabética, formulação estatística e flechas que indicam os trajetos de leitura.

Ver também NUNES, Silvia R. A geometrização do dizer no discurso do infográfico In: Percursos de Sentidos na Linguística. 1 ed. Campinas - SP: Pontes, 2012, v.1, p. 66-80.

ⁱⁱ Sobre o conceito de corpografia ver Dias (2004).

ⁱⁱⁱ Cujas compreensão se ancora nos estudos de Morello (2003).

^{iv} Conforme proposto por Pêcheux (1997) em que gesto significa “ato em nível simbólico”: tais como assobiar, jogar uma bomba numa assembleia.

^v Sobre a noção de injunção, de acordo com o dicionário Michaelis (online), esta significa: sf. (lat. *injunctio*) 1. Ato ou efeito de injungir. 2. Obrigação imposta; imposição. 3. Pressão das circunstâncias. Nos estudos textuais refere-se, comumente, à relação entre texto instrucional e texto injuntivo designando uma ação requerida, desejada. No campo do Direito, observa-se a etimologia do termo injunção que vem do latim *injunctio* - *onis* que significa ordem formal, imposição. Tal palavra procede de *injungere* que significa mandar, ordenar, impor uma obrigação. Sua finalidade, no Direito, é a de realizar concretamente em favor do impetrante o direito, liberdade ou prerrogativa, sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o seu exercício, ou seja, é o modo pelo qual se pode exigir a viabilidade do exercício dos direitos e das legalidades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à cidadania, à soberania, etc., na falta de norma regulamentadora.

Ver também: NUNES, Silvia R. Práticas de leitura no infográfico eletrônico: trajetos, tropeços e movimentos. In. DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

^{vi} Agradeço a Marcos Barbai pelo significativo exemplo.

vii Disponível em http://veja.abril.com.br/especiais_online/insomnia/index.shtml

viii Já e ao mesmo tempo porque sendo o link um mecanismo discursivo de dupla face, como apontou Morello (2003), ele possibilita que o sujeito constituía um trajeto de leitura pelo clique lendo as informações já previamente selecionadas postas à disposição.